

REVISTA
PORTUGUESA
de HISTÓRIA

tomo XXX



COIMBRA 1995
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

ALBERTO SAMPAIO E A HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA*

Antonio Rafael Amaro

Acontece quase sempre com as obras que ousam ser pioneiras, seja qual for o campo de abordagem: só passado algum tempo, sobre a sua produção e publicação, é que aqueles a quem elas especialmente se destinam lhes dão o devido valor e as recolocam no lugar que merecem. Pode dizer-se que a obra legada por Alberto Sampaio confirma, na íntegra, este fatalismo. Durante tanto tempo apenas conhecida por especialistas, ninguém lhe nega hoje um lugar de destaque no contexto da nossa historiografia, continuando mesmo—como recentemente afirmou Jorge Borges de Macedo, *no Congresso Histórico Comemorativo dos 150 anos do nascimento de Alberto Sampaio* (') — a fornecer matéria de debate e vias de

* Este artigo, ainda que com muitas modificações e outros desenvolvimentos, resultou de um trabalho de Seminário, integrado no I Curso de Mestrado em História Contemporânea de Portugal (1991-1992), orientado pelo Prof. Doutor José M. Amado Mendes. Depois disso, este mesmo trabalho veio também a beneficiar de importantes achegas por parte do Prof. Doutor Luís Ferrand de Almeida, a quem, naturalmente, muito agradeço.

0) Congresso organizado pelo Museu Alberto Sampaio e pela Câmara Municipal de

interpretação, de grande fecundidade para a investigação contemporânea ⁽²⁾.

A relativa precocidade metodológica e epistemológica de grande parte dos trabalhos de Alberto Sampaio tardou a encontrar na nossa historiografia o acolhimento e a influência merecidos. Em geral, as obras históricas de síntese da primeira metade do nosso século, excepção feita a referências muito específicas sobre o eramento, acabaram por pouco reter do seu contributo pioneiro — ⁽³⁾. Isto, mesmo que se não possa deixar de concordar com os autores que, ultimamente, têm afirmado que a escassez de referências à sua obra acaba por dar um retrato enganador. Dado que tudo parece indicar — questão que merece estudos mais aprofundados — que os seus métodos e resultados tiveram mais seguidores do que as escassas citações dos seus trabalhos por vezes fazem crer ⁽⁴⁾.

Desde o primeiro contacto com a obra de Alberto Sampaio, tomou-se claro para mim que qualquer aproximação à compreensão dos seus estudos carecia, prioritariamente, de um conhecimento do contexto da sua produção, bem como das motivações do historiador. Conceção, aliás, que está de acordo com o novo paradigma de ciência, que assume, sem complexos de qualquer espécie, que todo o conhecimento é autobiográfico. E que, por consequência, recusa os ultrapassados pressupostos epistemológicos que, como é sabido,

Guimarães, em 1991. Para um melhor conhecimento das comunicações aí realizadas, durante os três dias que durou o referido evento (15,16e17de Novembro), ver *Actas do Congresso Histórico 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*—, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 1995. (Doravante, esta obra será referenciada apenas por *Actas...*).

⁽²⁾ Cf. J. Borges de Macedo, "Alberto Sampaio no pensamento histórico português", *Actas...*, p.413.

⁽³⁾ Cf. José Mattoso, "Perspectivas actuais da investigação e da síntese na historiografia medieval portuguesa (1128-1383)", *Revista de Historia Económica e Social*, 9, Janeiro/Junho, 1982, p. 147.

⁽⁴⁾ Entre outros com a mesma opinião, ver José M. Amado Mendes, "Alberto Sampaio e a História Económica", *Actas...*, p. 375.

pretendiam fazer valer o princípio, a coberto de uma aparente objectividade, da necessidade absoluta de uma separação entre sujeito e objecto⁽⁵⁾. De acordo com o novo paradigma de conhecimento, sendo o objecto uma continuação do sujeito e dado que os pressupostos ideológicos, metafísicos, juízos de valor, etc., são parte integrante de qualquer tentativa de explicação da sociedade, pareceu-me lógico que, antes de tentar qualquer abordagem integradora de Alberto Sampaio, no contexto da nossa historiografia, fizesse algumas referências à sua biografia. Talvez deste modo se tome mais inteligível a leitura das suas opções epistemológicas e metodológicas, bem como a sua perspectiva (só) aparentemente regional de abordagem dos problemas nacionais.

1. O HISTORIADOR E AS SUAS CIRCUNSTÂNCIAS

1.1.A influência minhota

Alberto da Cunha Sampaio nasceu em Guimarães, em 15 de Novembro de 1841, na actual Rua D. Maria II (antiga Rua dos Mercadores), no prédio n.º124-130, que era, então, propriedade do Cónego José de Abreu Cardoso Teixeira, seu tio-avô e padrinho. Com apenas quatro meses ficou órfão de pai, que, ao tempo, exercia o influente cargo de Juiz de Celorico de Basto.

Pertencente a uma família relativamente abastada, a sua educação foi desde cedo encaminhada para uma carreira que, tudo indica, passava por um curso universitário, a tirar em Coimbra. Cidade que, como é sabido, detinha, na altura, o monopólio do ensino superior.

(5) Cf. Boaventura Sousa Santos, *Um discurso sobre as ciências sociais*, Porto, Edições Afrontamento, 1990.

Com este objectivo, Alberto Sampaio, tal como o seu irmão José Sampaio, mais velho apenas alguns meses, cedo foram encaminhados para os melhores estabelecimentos de ensino existentes na região. Os primeiros anos de estudo decorreram em Landim, a que se seguiu o colégio de Braga, nos últimos anos liceais ⁽⁶⁾. Concluídos nesta cidade os estudos liceais, abriu-se então o caminho da cidade universitária, para onde, mais uma vez na companhia do seu irmão José, vão cursar direito.

Não abundam os testemunhos sobre a infância de Alberto Sampaio. Pouco dado a falar de si e dos seus, só indirectamente poderemos reconstituir alguns aspectos com interesse para a caracterização da sua personalidade e formação. Dada a raridade das referências a esta fase da vida de Alberto Sampaio—importante, como se sabe, na formação dos indivíduos —, talvez venha a propósito fazer referência a um pequeno episódio, dos poucos, aliás, contados pelo próprio sobre a sua infância, sobretudo pelo que ele nos pode revelar da sua personalidade: "Duma vez, o meu tio Gaspar — recordou Alberto Sampaio, num artigo publicado na *Revista de Guimarães*, em memória do arqueólogo e historiador Martins Sarmento ⁽⁷⁾ — ia visitá-lo [refere-se a Martins Sarmento] e levou-me consigo. Recebeu-nos no quarto de dormir, assentado na cama, com uma mesinha diante de si, entre montões de livros. Em plena florescência da mocidade, parte do dia, passava-o ali, a lê e escrever: rico, de distinta posição social, e cheio de talento,

⁽⁶⁾ Por curiosidade, saliente-se que a cidade de Braga não ignorou este facto e, em homenagem a Alberto Sampaio, deu o nome do ilustre historiador a uma das suas escolas secundárias.

⁽⁷⁾ Este artigo, em memória de Martins Sarmento, foi publicado, pela primeira vez, na *Revista de Guimarães*, Vol. I, n.º 1, vindo, posteriormente, a ser integrado por Luís de Magalhães na compilação por si feita dos vários estudos dispersos de Alberto Sampaio. Ver, neste sentido, Alberto Sampaio, *Estudos Históricos e Económicos*, pref. de Luís de Magalhães, Vol. II, Porto, Livraria Chardron, 1923, p. 119-138. (Doravante, as referências a esta obra (Vol. I e II) serão feitas, apenas, por *Estudos ...*).

tomara-se legendário, por essa excentricidade, n'uma terra, em que quase ninguém se entretinha com leituras" (8). A recordação e a forma como, alguns anos mais tarde, Alberto Sampaio se referiu a Martins Sarmento, são reveladores, não só da admiração que por ele nutria, mas também de uma grande identidade de percursos intelectuais, que o leva a realçar uma filosofia de vida ligada ao estudo sereno que, por certo, teria marcado o futuro historiador. Aliás, Martins Sarmento, apesar da diferença de idades, viria a ser, em Guimarães, um dos melhores amigos de Alberto Sampaio, para além, claro está, da importante influência que os seus estudos arqueológicos acabaram por ter, como veremos adiante, na obra do historiador das *Vilas do Norte de Portugal*.

1.2. Na cidade do Mondego e na Universidade

Alberto Sampaio, ao ir para Coimbra cursar direito, materializou, no fundo, um desejo comum às famílias tradicionais e abastadas oitocentistas. Com a particularidade, neste caso, de poder ser ainda entendida esta sua escolha como uma tentativa de dar continuidade a uma tradição familiar, há muito ligada ao estudo das leis. Fosse como fosse, o certo é que, em 2 de Outubro de 1858, com 17 anos feitos, Alberto Sampaio registava a sua matrícula na velha Universidade (9). A primeira residência encontrou-a bem perto, logo ali, na Rua da Trindade.

A ida para Coimbra representou, por certo, um importante corte com a sua vivência anterior. Foi, como quase sempre acontece, a abertura a outros mundos e a outras vivências, não exclusivamente intelectuais, onde, apesar de tudo, algo se conjugou no sentido de

(8) *Idem, ibidem*, p. 119.

(9) Cf. *Livro de Matrículas*, n.º 81, fls. 25.

urna mais rápida emancipação pessoal e cultural, em relação ao meio familiar e aos laços de sociabilidade tecidos no Minho ⁽¹⁰⁾.

Para além de tudo o mais, Coimbra vivia, então, tempos agitados e de mudança. Transformações que interessaram Alberto Sampaio, enquanto estudante e, sobre as quais, mostrou ter uma perfeita consciência. Para tanto, basta lembrar o que ele mesmo escreveu, alguns anos depois, *In Memoriam* do seu colega e amigo Antero de Quental: "Coimbra afirmava-se então de um modo singular. O ensino universitário não satisfazia a mocidade, convulsionada pelas grandes questões do dia — questões filosóficas, religiosas, históricas, literárias, sociaes, económicas...que prendiam sobretudo, a atenção, tomando-se o thema das discussões ordinárias, em vez das lições officiaes" ⁽¹¹⁾.

Alberto Sampaio fazia parte, na altura, como aliás as suas palavras demonstram, dos estudantes que não se conformavam com o espírito sebenteiro e ultrapassado que caracterizava o ensino do seu tempo. Aliás, esse inconformismo latente levou-o, logo pouco tempo depois de chegar a Coimbra, a envolver-se numa briga de caloiros, que o levou à prisão — na Casa de Correção Académica—, durante uma semana ⁽¹²⁾. Acontecimento, só por si, comprovativo da agitação que, em Coimbra, então, se vivia e que, como é sabido, atingiu o seu ponto mais alto com a contestação do

⁽¹⁰⁾ Para uma melhor aferição da importância dos espaços de sociabilidade na Coimbra de oitocentos, ver João Lourenço Roque, "Coimbra de Meados do Séc.XIX a Inícios do Séc. XX — Imagens de sociabilidade urbana", *Revista de História das Ideias*, Vol. 12, 1990, p. 302-337; Paulo Archer de Carvalho, "In Memoriam - Notas para a tipologia mental da comunidade estudantil de Coimbra (1870 -1945)", na revista citada anteriormente, p. 339-373.

⁽¹¹⁾ "Antero do Quental — Recordações", *Estudos...*, Vol. II, p. 80.

⁽¹²⁾ Ligados a esta desordem, em 20 de Abril de 1859, estiveram também Antero de Quental que, aliás, esteve também preso uma semana, bem como José Sampaio, irmão de Alberto Sampaio, vindo este a ser mesmo expulso da Universidade, por um período de dois anos.

próprio Reitor Basílio Alberto de Sousa Pinto (13).

Antero de Quental, discípulo e amigo de Alberto Sampaio, foi o líder incontestado desta revolta, que, embora personificada na figura do Reitor, reflectia um descontentamento bastante mais vasto. A casa de Antero, na Couraça dos Apóstolos, servia mesmo de centro de todas as operações de revolta, no dizer de um seu colega de Coimbra. Ali se "juntavam todas as noites uma dúzia de estudantes de todas as faculdades, cabulas, mas que tinham fama de inteligentes; uns para discutir, outros para ler ou escrever, e outros sómente para aproveitar o ocio, ouvindo. Os estudantes premiados, os ursos, como lhes chamavam, quando ali entravam, era a medo e quasi às escondidas, para se não desacreditarem" (14).

É neste ambiente, grande parte à margem do que a Universidade representava e podia oferecer, que germina a célebre e mítica (mitificada) Sociedade do Raio. Antero de Quental, como não podia deixar de ser, foi, desde o seu início, o líder natural da referida organização e encontrou nos irmãos Sampaio fiéis aliados. António

(13) O Reitor Basílio Alberto de Sousa Pinto, futuro Visconde de S. Jerónimo, estava em funções desde 1859. Sobre ele, Amadeu de Carvalho Homem, com base em testemunhos de estudantes da época, escreveu o seguinte: "Não obstante os antecedentes de uma formação liberalizante, que lhe era genericamente reconhecida, a actuação do Reitor Basílio Pinto pautou-se pelos mais estritos cânones das observâncias formais e tradicionalistas. Numa altura em que os estudantes procuravam atenuar as semelhanças da sua farda académica com as vestes dos clérigos, através do recurso a derivantes, tais como gravatas floridas e calças soltas sobre o calçado, o reitor impõe a volta clerical, o cabeção em vez do colarinho, a meia preta acima do joelho e a batina abotoada pelas costas; obriga-os à observância pontual dos seus horários de recolhimento domiciliário; expulsa presumíveis recalcitrantes, baseado em denúncias vagas ou pueris; investe-se, em suma, nas antipáticas funções de um déspota" (Amadeu Carvalho Homem, *A ideia Republicana em Portugal — o contributo de Teófilo Braga*, Coimbra, Livraria Minerva, 1989, p. 12).

(M) çç "Depoimento sobre Antero de Quental por Raimundo Capela, seu contemporâneo e companheiro de Coimbra", in António José Saraiva, *A Tertúlia Ocidental—estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*, Lisboa, Gradiva, 1990, p. 178.

Nóvoa, com base em documentos deixados por estes, até há bem pouco totalmente inéditos, divulgou alguns dos nomes que constituíam a referida organização. Para além de Antero e dos amigos José e Alberto Sampaio, fizeram ainda parte dela nomes como Francisco d'Assis Caldeira Queiroz, José Falcão, Frederico Philemon da Silva Avelino, João de Sousa Vilhena, José Peres Ramires e Frederico d'Abreu Gouveia. Estes alunos seriam, digamos assim, a cabeça da organização, já que no período de maior dinamismo da Sociedade do Raio (1862-1863) ela representaria cerca de duzentos discentes ⁽¹⁵⁾.

Parece-nos evidente que a Sociedade do Raio pretendia ter uma acção que extravasava o próprio meio académico e os problemas estritamente universitários. A coberto das críticas que então se faziam às autoridades académicas e ao ensino caduco que em Coimbra se ministrava, os principais ideólogos deste movimento estudantil não escondiam a intenção de, por esta via, testarem futuras intervenções políticas e sociais de âmbito mais vasto. Basta atentar nos jornais criados por alunos ligados à Sociedade do Raio, nas temáticas neles versadas e nos problemas aí colocados, para facilmente se verificar que, mais do que problemas estritamente académicos, lá se tratavam assuntos de carácter social, muitas vezes de acordo com as ideias ditas novas e revolucionárias, que iam chegando de outros países europeus.

Alberto Sampaio, como não podia deixar de ser, colaborou com alguns artigos em jornais como o *Académico* ⁽¹⁶⁾, *O Phos-*

⁽¹⁵⁾ Sobre os objectivos e estrutura organizativa da Sociedade do Raio, ver António Nóvoa, "A Sociedade do Raio na Coimbra Académica de 1861-1863", *Universidade(s). História. Memória. Perspectivas—Actas do Congresso "História da Universidade" (no 7. - centenário da sua fundação)*, 5 a 9 de Março de 1990, Coimbra, 1991, Vol. 3, p. 277-320.

⁽¹⁶⁾ Só foram editados três números, durante os meses de Março, Abril e Maio de 1860. Publicação que pretendia ser científica e literária, dela fizeram parte, como redactores,

foro ⁽¹⁷⁾, entre outros. Artigos que nos revelam um jovem estudante extremamente atento à realidade do seu tempo, onde claramente são visíveis as preocupações com as condições de vida das pessoas que ele denomina de classes laboriosas. Salientem-se, neste sentido, os artigos que ele escreveu para o jornal precisamente intitulados *Alvitres às Classes Laboriosas*: e *Socorros Mútuos II* ⁽¹⁸⁾. Utilizando um discurso que, à falta de melhor, diríamos filantrópico e humanista, o jovem estudante de Direito escreveu: "...não há homem algum tão desnaturai nem de tão má índole, que não sinta comover-se-lhe o coração, quando a doença ou um aperto qualquer vem roubar a esta gente [entenda-se às classes trabalhadoras] o pão de cada dia" ⁽¹⁹⁾. Feito este diagnóstico humanista, o jovem estudante não deixa de contrapor que muita desta pobreza poderia ser eliminada se os trabalhadores se consciencializassem dos benefícios das Caixas Económicas e/ou das instituições de Socorros Mútuos. Residia aqui uma das soluções para "obstar ao pauperismo — esta nódoa indelével das sociedades modernas" ⁽²⁰⁾.

João de Deus, Antero de Quental, Alberto Machado, Eugénio de Barros, Francisco Guimarães Fonseca, José Maria Seixas, Bemardino Pinheiro, Seferino de Azevedo e o próprio Alberto Sampaio. (Cf. Alberto Sampaio (Recolha e selecção de textos de Emilia Sampaio Nóvoa Faria), *Dispersos*, Vila Nova de Famalicão, 1991.

⁽¹⁷⁾ *O Phosforo* era uma publicação quinzenal, de cunho literário, noticioso e crítico. Iniciou a sua publicação em Novembro de 1860 e vigorou até Maio de 1861. São conhecidos doze números, sendo a colaboração de Alberto Sampaio regular até ao número sete. (Cf. Alberto Sampaio, *ob. cit.*, p. 26).

⁽¹⁸⁾ Este posicionamento dos estudantes universitários, ao lado das classes trabalhadoras, não é de todo inédito ao tempo; prova-o um interessante artigo de Rogério Fernandes em que este autor refere a importante participação dos estudantes no impulsionar do movimento associativo operário em Coimbra. (Cf. Rogério Fernandes, "Instrução operária e intervenção estudantil em Coimbra nos começos da regeneração", *Revista de História das Ideias*, Vol. 12, 1990, p.221-256).

⁽¹⁹⁾ Alberto Sampaio, *ob. cit.*, p. 16.

⁽²⁰⁾ *Idem, ibidem*, p. 18.

Esta concepção assistencial revela-nos um jovem estudante preocupado com as condições de vida das classes trabalhadoras, mas muito distante das análises que, por exemplo, Proudhon vinha fazendo. Assim, se nesta altura já lera este autor, pouca influência nele teve, pois, ao contrário de Proudhon, não perpassa pelos seus textos qualquer preocupação em explicar as causas económicas da pobreza das classes trabalhadoras ⁽²¹⁾. Aliás, não admira que assim fosse, sobretudo se tivermos em consideração a composição da classe trabalhadora em Coimbra, onde o que dominava era o artesão e o artesanato ⁽²²⁾.

Contudo, não há dúvida de que foi em Coimbra que Alberto Sampaio despertou para as questões sociais e políticas. Teófilo Braga, contemporâneo do futuro historiador na Universidade, ainda que mais novo, afirmou, a este propósito, que no seu tempo os estudantes abandonaram as tradições das "arruaças (...) deixando-se envolver nesse dilúvio da luz do espírito moderno, lançando-se à apropriação de novas ideias de Filosofia, História de Arte, Poesia e Política" ⁽²³⁾. Em Coimbra, tal como toda a sua geração, aprendeu a admirar Alexandre Herculano e, ainda que à margem da Universidade, tomou contacto com autores como Michelet, Proudhon, Renan, Edgar Quinet, Leconte de Lisle, Taine, Littré, etc.

⁽²¹⁾ Recorde-se, neste sentido, que Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) escreveu as suas obras de maior interesse político e económico alguns anos antes de Alberto Sampaio chegar à Universidade: por exemplo, *Système des contradictions économiques ou Philosophie de la misère* (1846); *Solution du problème social* (1848).

⁽²²⁾ Coimbra manteve, durante o século XIX, as características de uma cidade de artifices e de estudantes. Sobre este assunto, cf. José Maria Amado Mendes, *A Área Económica de Coimbra — Estrutura e Desenvolvimento Industrial, 1867-1927*, Coimbra, Comissão de Coordenação da Região Centro, 1984; ver também, no mesmo sentido, João Lourenço Roque, *art. cit.*, p. 326-328.

⁽²³⁾ Teófilo Braga, *História da Universidade nas suas relações com a instrução pública portuguesa—por ordem e na Typografia Real das Sciencias—*, Lisboa, 1902, tomo IV (1801-1872), p. 504-505.

Ainda assim, acabada a formatura (29-5-1863), Alberto Sampaio regressa ao Minho. Não perde muito tempo por outras paragens; e tanto assim é que, quando estalou a célebre *Questão Coimbrã* (1865), símbolo de uma geração da qual fez parte, mais não faz do que acompanhá-la à distância, possivelmente envolvido já nas tarefas agrárias que, como é sabido, preencherão grande parte da sua vida.

1.3. O regresso às origens: da euforia ao desencanto

Pode-se sempre argumentar que a ida de Alberto Sampaio para o Minho, a fim de se dedicar à agricultura, correspondeu a uma vontade há muito assumida pelo futuro historiador. Poderá, de igual modo, acrescentar-se que esta decisão ia de encontro à própria personalidade do homem que, mais que tudo, procurava uma vida simples "como a do mais apagado anonymo que atravessasse a existência sem dar que falar de si" (24). Apesar disso, não se pode dizer que Alberto Sampaio não tentou, mais uma vez na companhia do seu amigo Antero de Quental, ter uma maior intervenção social e intelectual, logo após a sua formatura. Assim, poucos meses após o abandono da vida académica, procura em Lisboa — nesta altura Antero procurava também editor para as suas *Odes Modernas* — editar um livro. Curiosamente, quer Antero, quer Alberto Sampaio, antes de se decidirem pela publicação dos seus escritos, procuraram saber a opinião de Alexandre Herculano, o escritor português que, então, mais admiravam. A opinião do historiador teria sido positiva. Alexandre Herculano, segundo o testemunho de António de Azevedo Castelo Branco, chegou mesmo a discutir com Antero "as intenções revolucionárias de algumas das Odes" e teria considerado o romance

(24) Cf. a *Introdução* de Luís de Magalhães, *Estudos...*, Vol. I, p.V.

de Alberto Sampaio como "uma estreia muito auspiciosa" (25).

Tendo em conta a data em que Alberto Sampaio esteve na capital, tudo indica que o seu romance — caso não tenha sido destruído pelo autor — acabou por sair no jornal *Século XIX*, em forma de folhetim, sob o título de *Conversando*. Pois não nos parece credível que Alberto Sampaio tivesse levado a Lisboa um outro seu romance, acabado de sair em folhetins, no mesmo jornal, entre 12 de Julho e 21 de Setembro de 1864 (26).

A actividade literária de Alberto Sampaio, neste período, não se restringia à prosa e ao romance. A poesia, a fazer fé numa carta de Antero, também ocupava o espírito do futuro historiador do Minho. Aliás, a capacidade de criação poética de Alberto Sampaio mereceu, da parte do autor das *Odes Modernas*, o seguinte comentário: "o que é certo é que me acabou há pouco de ler — escrevia, então, Antero a José Sampaio, referindo-se ao irmão, que com ele passava férias na Figueira da Foz — uma das melhores coisas que tenho ouvido em língua lusitana e, cuida, que nela se tem escrito" (27).

Acabados estes impulsos criadores, que se seguiram à formatura, o prometedor poeta e prosador como que foi arrebatado por uma onda de descrença e nostalgia que, de certa forma, o deixa relativamente inerte em termos intelectuais. Através das cartas trocadas com Antero de Quental, é possível apercebermo-nos de como a ligação à terra e ao sossego minhoto era já muito o resultado de um desencanto. Não tinha o efeito dramático de um virar de costas à Herculano (terão de se salvaguardar as devidas distâncias

(25) António de Azevedo Castelo Branco, *apud* Alberto Sampaio, *Dispensos...*, p. 31.

(26) Este outro romance tinha como título *Augusta* e tanto este como *Conversando* foram compilados por Emilia Sampaio Nóvoa in Alberto Sampaio, *Dispensos...*, p. 33-104.

(27) *Obras completas de Antero de Quental, VI: Cartas*, Vol. 1, 1881-1891, Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1989, p. 50 [Carta escrita de Coimbra, 6 de Setembro de 1865]. (Doravante, a referência a esta obra será feita apenas por *Cartas I* ou *Cartas II*, consoante se trate do Vol. I ou do Vol. II).

em termos de intervenção intelectual e política), mas dá-nos o ambiente de uma certa elite oitocentista que depressa caía nos sentimentos decadentistas. Curiosamente, era Antero que, neste período, tudo fazia para evitar que o amigo caísse em total desânimo : "Espero que a visita dos teus montes te tenha sossegado ou antes consolado um pouco. Bem sei que a inteira serenidade, no nosso tempo é mais que um engano; é uma falta de lógica...Mas durante a viagem e em Lisboa pareceu-me que tinhas descido no desconsolo até uma nota mais grave do que o tom que a boa razão concede aos experimentados, que se conhecem a si e ao seu tempo" (28).

Um ano depois (1868), esta crise de desalento, aliás comum aos dois amigos, ainda não tinha abandonado Alberto Sampaio. E a decisão de se fixar no Minho parece ainda não estar tomada. Continuam a pulular no seu espírito muitos dos projectos idealizados em Coimbra, como, por exemplo, um "velho plano de solidão a duo" com Antero de Quental (29).

(28) Antero de Quental, *Cartas Inéditas a Alberto Sampaio*. Transcrição, organização e notas de Ana Maria Almeida Martins, Lisboa, Cadernos *O Jornal*, 1985, p. 21. (Doravante, referenciá-las-ei apenas por *Cartas Inéditas*). Aliás, nesta mesma carta, Antero de Quental, que tentava animar o amigo, não se encontrava muito melhor. Se não vejamos: "De mim escuso dizer muito. Pelo que sabes disto, avalias a minha posição. Vivo mal. Esforço-me por me isolar, sobretudo isolar o espírito pela leitura. Mas esta sequestração moral é o mais difícil. A minha filosofia, não sei bem porquê, falha-me na prática. Anseio a solidão tanto mais ardentemente quanto mais difícil de realizar vejo este desejo que é ao mesmo tempo a mais profunda necessidade da minha natureza. Lembro-me com alvoroço dos nossos projectos de vida comum no isolamento. Há dias em que só este pensamento tem poder de me alentar. Esta vida desgosta-me; e o desgosto, com o meu temperamento, receio que me leve ao embrutecimento..." (*Idem, ibidem*).

(29) Neste sentido, dizendo-se apenas suspenso da decisão de Alberto Sampaio, escreveu Antero dos Açores: "Doce Alberto: Julguei que o casamento do José resolvesse todas as tuas questões, e por isso tinha assentado esperar por esse acontecimento decisivo (para me poupar a imaginações escusadas) e só então determinar alguma coisa (...).Continuo pois votando pelo velho plano de solidão a duo — até ver. Nós não parámos ainda: não contemos pois senão com o momento presente e com as disposições do momento presente" (*Cartas Inéditas*, p. 21).

A resposta para esta crise, diríamos existencial, vão encontrá-la os dois amigos de forma diferente: um envolvimento cada vez maior por parte de Antero na intervenção intelectual, social e política (em sentido amplo) e um, ainda maior, isolamento por parte de Alberto Sampaio. Aliás, Antero nunca deixou de incentivar o amigo a participar. Chegaram mesmo a projectar, em conjunto, uma ida para Espanha, com o intuito de contribuírem para a constituição de uma Federação Ibérica. Projecto que nunca se concretizou, mas que parecia contar com o entusiasmo de Alberto Sampaio ⁽³⁰⁾.

Antero de Quental, como é sabido, viria a encontrar na organização das célebres Conferências do Casino (1871), o tão desejado alimento para a sua fome de acção. E, mais uma vez, Alberto Sampaio, no sossego do Minho, opta por não ter neste tão importante acontecimento, qualquer papel visível. Porventura teria acompanhado à distância o impacto cultural e político desta iniciativa, mas é precisamente nestes anos que diminui, significativamente, a troca de cartas (três apenas) entre os dois amigos. Contudo, Alberto Sampaio, nos trabalhos em que faz uma interpretação geral da história portuguesa, não deixa de partilhar a teoria da decadência, muito ao jeito das que foram pronunciadas nas Conferências do Casino. Ainda que, como salientou Jorge Borges de Macedo, nós possamos encontrar na sua concepção decadentista um ponto muito importante que o diferencia, por exemplo, de Antero: é a sociedade como um todo que aparece responsabilizada e não tanto

⁽³⁰⁾ Este entusiasmo de Alberto Sampaio pode ver-se, embora de fonia indirecta, pelas cartas que Antero na altura lhe dirige (Novembro de 1868): "Acho, que resolvida esta questão [referia-se Antero às negociações que pretendia fazer com o partido de Castelar] vamos muito melhor, o que não quer dizer que não vamos ainda com ela mal resolvida. Vamos sempre, porque eu lá coloco-me no jornalismo democrático facilmente. Mas esperemos por isto, não te parece? Espero que não estejas impaciente, o que é mau sintoma" (*Cartas Inéditas*, p. 107).

uma determinada classe política, a educação, a religião, ou qualquer outro órgão em particular ⁽³¹⁾.

Passados que foram os momentos atribulados que se seguiram às Conferências do Casino, é, mais uma vez, através das cartas de Antero que podemos acompanhar a vida de Alberto Sampaio no Minho. Assim, ficamos a saber do convite que é feito ao historiador minhoto para se tomar Director da Agência Financeira do Rio de Janeiro ⁽³²⁾. Cargo que, como se sabe, recusou. Mas, mais importante do que isto - apesar de o convite evidenciar, de certa forma, o seu prestígio regional — é o facto de, por esta altura (finais da década de setenta), ficarmos a saber, mais uma vez através de uma carta de Antero, que Alberto Sampaio procurava reagir ao alheamento e isolamento intelectual em que havia caído. E pelo menos esta a opinião do seu amigo: "Tu que fazes e como vais? Na tua penúltima carta, embora triste como não podia deixar de ser, deparou-se-me entretanto uma coisa que me alegrou. É a intenção que manifestas em reagir contra uma frieza e indiferentismo, até certo ponto artificiais ou sistemáticos que há anos te entorpeciam, voltando a tomar interesse nas coisas serenas, eternas e consoladoras da ciência e da arte. Não imaginas o quanto isto me alegrou(...). Sejam pois homens e não nos envergonhemos de tomar parte, pelo menos pelo interesse da curiosidade, no teatro da actividade humana, no que ela tem de justo, de bom e universal" ⁽³³⁾.

Começa aqui, sem dúvida, um novo ciclo, aliás, magistralmente caracterizado por um dos amigos que melhor o conhecia, da vida de

⁽³¹⁾ Cf. Jorge Borges de Macedo, *art. cit.*, p. 432.

⁽³²⁾ A este propósito, comentava Antero: "Querido Alberto: Há quanto tempo não via letras tuas! Supunha-te sempre em Boamense, e foi com verdadeira surpresa que recebi a notícia das mudanças que tem havido no teu viver. Mas o homem é sempre o mesmo que eu amo, e é isso o essencial. Agricultor ou Director de Companhias, és sempre o suave filósofo que eu amo". (Carta do Inverno de 1875, *Cartas Inéditas*, p. 30).

⁽³³⁾ *Idem, ibidem.*

Alberto Sampaio. E, com ele, afirma-se um original e meticuloso historiador que, como não podia deixar de ser, toma Portugal por objecto. E estou em crer que este encontro com a investigação histórica das nossas origens, entre o Minho e o Vouga, permitiu a Alberto Sampaio encontrar-se consigo e, sobretudo, através do conhecimento da nossa história, compreender melhor as vicissitudes do nosso desenvolvimento.

1.4. Alberto Sampaio: os últimos vinte anos que fizeram história

Como vimos, nos últimos anos da década de 70, Alberto Sampaio como que renasceu intelectualmente, dando início a um dos períodos mais ricos da sua vida, em termos de produção intelectual e mesmo de intervenção social e política. Para tanto, basta recordar que é neste período que intensifica a sua produção historiográfica ⁽³⁴⁾ e que o vemos mais perto de uma possível intervenção política ⁽³⁵⁾. Em termos regionais, vemo-lo totalmente envolvido na 1.- Exposição Industrial de Guimarães (1884), acerca da qual viria a publicar mesmo um artigo — "Convirá promover uma exposição em Guimarães?" ⁽³⁶⁾. Neste seu escrito, onde já se

⁽³⁴⁾ Se tivermos em conta as publicações de Alberto Sampaio na *Revista de Guimarães*, facilmente se conclui que é na década de oitenta que se situa o período de maior produção: "Resposta a uma pergunta - convirá promover um exposição industrial em Guimarães?", Vol. 1, 1884, p. 25-34; "O presente e o futuro da viticultura no Minho—estudo de economia rural", Vol. I, 1884, p. 196-203; Vol. II, 1885, p. 20-35; "Estudos d'economia rural do Minho", Vol. III, 1886, p. 146-159; Vol. IV, 1887, p. 21-38; p. 76-106; "As Villas do Norte de Portugal (fragmento)", Vol. X, p. 161-209, Vol. XI, p. 139; Vol. XII, p. 5, 65 e 155; Vol. XIII, p. 19; Vol. XIV, p. 161; "Luís de Magalhães-D. Sebastião, Vol. XV, p. 43; "João da Motta Prego — Guia prático para o emprêgo dos adubos em Portugal", Vol. XVI, p. 48.

⁽³⁵⁾ Sobre este assunto, ver António Rafael Amaro "O ideário político de Alberto Sampaio", *Actas do Congresso Histórico—150 anos do nascimento de Alberto Sampaio*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 1995, p. 325-337.

⁽³⁶⁾ Cf. *Estudos...*, Vol. I, p. 575-588.

encontra o historiador, apela Alberto Sampaio para a necessidade de uma verdadeira indústria nacional que mobilize o que de melhor existe em nós como povo. Dado que, no seu entender, se enganavam os que tentavam explicar o nosso atraso económico à luz da nossa idiosincrasia, pois, dizia então, o português "possue na verdade uma capacidade industrial; sobeja-lhe o amor ao trabalho, a reflexão, a tenacidade e o espírito de ordem, tem em si os elementos necessários para criar uma industria nacional" (37). Para tanto, reafirmava, bastava que as nossas elites deixassem de "viajar e navegar no desconhecido" e passassem a compreender o significado social e económico trazido pela industrialização. Nada mais errado, no seu entender, do que continuar a defender que o nosso "paiz não precisava de ser industrial, que lhe bastava a riqueza da sua produção agricola (...)" (38).

Interessado e informado quanto ao que era melhor para o desenvolvimento do nosso país, Alberto Sampaio cultivou sempre, mesmo neste período de maior empenhamento intelectual e cívico, um certo distanciamento em relação à política concreta. Várias vezes convidado para exercer cargos políticos, recusou sempre uma intervenção directa. Apenas uma vez aceitou representar o concelho de Guimarães, como Procurador à Junta Geral do Distrito de Braga. Em vez das ligações partidárias, cultivava relações de amizade com políticos a quem reconhecia capacidades — como eram os casos de Oliveira Martins, Luís de Magalhães, Jaime Magalhães Lima, entre outros—; às intrigas de baixa política contrapunha muitas vezes a independência e a força moral de quem nunca mendigou qualquer lugar no Parlamento, no Governo, ou na Administração Pública.

Não admira, por isso, a forma como respondeu ao seu amigo

(37) *Idem, ibidem*, p. 580.

(38) *Idem, ibidem*, p. 582-583.

Luís de Magalhães, quando, em 1892, lhe colocou a hipótese de vir a concorrer a deputado: "depois de verrumar no caso, resolvi escrever-lhe, o que faço hoje, explicando-lhe a minha impossibilidade em ser deputado. As razões que me determinam são muito particulares. Sceptico, excêntrico, cada vez mais separado do mundo, nada tenho que fazer em Lisboa, como representante de quaisquer eleitores. Ha alguns annos, talvez fizesse um esforço para corrigir a minha natureza; hoje trop tarde" (39). Apesar desta recusa, pode dizer-se que este foi o momento em que Alberto Sampaio mais perto esteve de intervir directamente na política. Viviam-se, como se sabe, momentos muito difíceis, em termos políticos (rescaldo do *Ultimatum*), económicos e financeiros. Por outro lado, a entrada na política activa de Oliveira Martins, de quem se tinha tomado amigo e confidente — nesta altura Ministro da Fazenda, no Ministério presidido por José DiasFerreira(40)—, fez acreditar Alberto Sampaio na possibilidade de uma renovação da política nacional, da qual era bastante crítico. A esperança depositada em Oliveira Martins era grande, a tal ponto que, quando em 1885, o publicista resolveu entrar na política activa, ao lado de Anselmo Braamcamp, no partido progressista, Alberto Sampaio considerou este acontecimento como "o de maior sucesso de 1885" (41).

Ainda assim, Alberto Sampaio, para além de alguma participação activa como cidadão em alguns dos problemas regionais mais

(39) *Revista de Guimarães*, n.º 3, Vol. LI, 1941, p. 73.

C40) Em 17 de Janeiro de 1892, Oliveira Martins aceitou fazer parte do governo, como ministro da fazenda. Experiência que, como é sabido, durou pouco, sendo levado a pedir a demissão em 27 de Maio de 1892.

(41) *Estudos...*, Vol. II, p. 19. Para se inferir da elevada consideração intelectual e política que Alberto Sampaio tinha em relação a Oliveira Martins bastará ler-se a apreciação crítica que ele fez do Projecto de Lei de Fomento Rural, apresentado pelo publicista no Parlamento, em 27 de Abril de 1887, como deputado pelo Porto. O projecto levou Alberto Sampaio a escrever no jornal *A Província*, de 14 a 26 de Maio, para aí fazer o elogio rasgado de Oliveira Martins e das suas propostas. (Cf. *Estudos...*, Vol. II, p. 29-30).

prementes na época, não se deixa envolver demasiado na política, preferindo, como confidencia a Oliveira Martins, os seus "chères études" (42). Aliás, como já referimos, estes são os anos em que Alberto Sampaio mais se dedica aos seus estudos históricos. Assim, enquanto Oliveira Martins se preparava para abraçar os ideais do partido progressista, Alberto Sampaio, na mesma altura, encetava os primeiros passos para a publicação de *O presente e o futuro da viticultura do Minho* (1884). E, pouco tempo depois, encontramos-lo a ultimar os *Estudos de economia rural do Minho* (1885-1887), ambos publicados na *Revista de Guimarães*. Estudos estes que, de alguma forma, serviram de introdução a outro de maior fôlego, que viria a ser publicado no ano seguinte com o título de *A propriedade e cultura do Minho*.

Pouco mais de um ano depois da publicação destes trabalhos, em 3 de Abril de 1889, Alberto Sampaio já é suficientemente conhecido como historiador para ser convidado a participar nas comemorações em honra do Infante D. Henrique, promovidas pela Sociedade de Instrução do Porto. A comunicação apresentada, *O Norte Marítimo*, inscreve-se já naquela que será a sua principal preocupação enquanto historiador: através daquilo que era específico a nível regional — a organização das populações do norte do país, nas suas relações privilegiadas com a terra e com o mar—contribuir para a compreensão do todo nacional. Aliás, esta preocupação de complementaridade entre a análise regional e a história nacional, que exigem à história regional, não um, mas dois questionários: a compreensão do que é específico de uma região e a forma como esta se vai integrando no todo nacional, fazem de Alberto Sampaio, no dizer de Jorge Borges de Macedo, um dos grandes mestres da nossa historiografia (43).

(42) Carta a Oliveira Martins, datada de 25 de Março de 1886, *Revista de Guimarães*, p. 31-32.

(43) Jorge Borges de Macedo, *art. cit.*, p.414.

Os amigos que mais de perto conviveram com Alberto Sampaio são unânimes em reconhecer que, para ele, fazer história nunca passou de uma necessidade intelectual, "uma grata e deleitosa aplicação do seu espírito" (44). De facto, parece que assim foi; contudo, em determinada altura da sua vida, Alberto Sampaio como que redobra os esforços para concluir aqueles que acabaram por ser considerados como os seus principais trabalhos: *As Villas do Norte de Portugal* e *As Póvoas Marítimas*. Podemos acompanhar o empenho posto por Alberto Sampaio na sua conclusão, sobretudo através de cartas que entretanto escrevia aos seus amigos. Assim, em 12 de Setembro de 1892, desabafava com Luís de Magalhães (45): "Não faz ideia quanto estimei a sua opinião a respeito das *Villas*. Eu continuo moendo e remoendo o mesmo assunto. Já agora hei de ver se lhe posso dar todo o possível desenvolvimento, se um dia me resolver a pô-las em volume" (46). Este desejo de Alberto Sampaio veio a consumir-se alguns anos mais tarde: as *Villas* acabaram por ser publicadas na *Portugalia*, precisamente no ano em que o historiador deu por concluído o seu trabalho (1903) (47).

Na *Portugalia*, Alberto Sampaio viria, ainda, a publicar o seu derradeiro trabalho: *As Póvoas Marítimas*. E, com ele, pode dizer-se que concretizava aquilo que parece ter sido o seu grande objectivo, enquanto historiador: investigar as origens e evolução

D Estudos..., Vol. I, p.IX.

(45) Quase três anos depois (fevereiro de 1895), numa outra carta dirigida a Luís de Magalhães, ainda Alberto Sampaio se encontrava "muito ocupado a dar a última demão a dous capítulos das *Villas*", acrescentando que ainda lhe faltavam mais dois e que o amigo nem fazia ideia de como ele desejava ver a obra concluída (Carta publicada na *Revista de Guimarães*, n.º 3, Vol. LI, 1941, p. 81. Nesta altura, Alberto Sampaio tentava a publicação desta obra na *Revista de Ciências Naturaes e Sociaes*).

(46) *Revista de Guimarães*, n.º 3, Vol. LI, 1941, p. 75-76.

(47) Cf. *Portugalia*, Tomo 1, 1899-1903. *As Villas do Norte de Portugal* saíram nesta revista, por partes, entre 1899 e 1903. Grande parte da obra já era conhecida — a sua quase totalidade tinha sido publicada na *Revista de Portugal*, *Revista de Guimarães* (cf. Vols. X a XIV) e na *Revista de Ciências Naturaes e Sociaes* (cf. Vol. III, 1895, p. 49).

das povoações costeiras, tal como já tinha feito para as povoações rurais. Assim, concluídas que forâmes *Villas do Norte de Portugal*, a sua grande tarefa passa por levar a bom termo *As Póvoas Marítimas*. Deste seu objectivo dá conta a Luís de Magalhães, agora o seu melhor confidente, sobretudo depois da morte de muitos dos seus anteriores amigos e familiares—Antero de Quental morre em 1891, Oliveira Martins em 1894, Martins Sarmiento em 1899 e o seu irmão José em 1899—, em carta datada de 10 de Agosto de 1902: "Eu cá estou botado aos calhamaços. A minha nova coisa já está baptisada: ora veja se lhe agrada — as povoações marítimas do norte de Portugal" (48). E, comentando o assunto, bem como os principais objectivos do seu trabalho, esclarece: o título está de acordo com o meu pensamento: "ao trabalho da terra segue-se o do mar; às "villas" rústicas as povoações costeiras" (49).

Nesta obra trabalhou Alberto Sampaio até aos últimos dias de vida. A morte haveria de surpreendê-lo quando dava os acertos finais nos últimos capítulos. Pôde, ainda assim, assistir à publicação dos três primeiros, deixando, no entanto, os restantes apenas em esboço. Apesar disso, o empenhamento e o conhecimento da sua obra, por parte do seu amigo Luís de Magalhães, permitiram que aos capítulos já publicados na *Portugalia* se juntassem os dois originais inacabados, quando da compilação, em livro, dos trabalhos de Alberto Sampaio.

Os últimos anos de vida de Alberto Sampaio, como vimos, revelaram um importante historiador. Sou tentado a dizer que, por isso, eles terão sido também os mais felizes. Ainda que os seus derradeiros trabalhos não pudessem contar com o apoio e amizade dos seus principais amigos, entretanto falecidos.

Não se pode dizer que Alberto Sampaio tenha produzido uma

(48) *Revista de Guimarães*, n.º 3, Vol. LI, 1941, p. 107.

(49) *Idem, ibidem*.

obra extensa; ainda assim, como veremos de seguida, ela marcou, pelo seu rigor e, sobretudo, pelo seu carácter inovador, a nossa historiografia. E assim, quando a morte chegou aos 67 anos, o historiador das vilas rústicas e costeiras, podia dizer que se cumpriu aquilo que no fundo sempre desejou: "Os Gregos diziam que os deuses eram amigos d'aquelles que morriam novos: a mim — confessava a Luís de Magalhães — pelo contrario parece-me que uma velhice serena, com a alma tranquila e a consciencia forte de ter feito o bem, é a expressão moral mais superior da vida humana" (50).

2. A OBRA DE ALBERTO SAMPAIO NO CONTEXTO DA NOSSA HISTORIOGRAFIA

2.1. *A teoria da decadência de Portugal*

A obra histórica legada por Alberto Sampaio não se limita, como à primeira vista pode parecer, ao quadro regional. A sua preocupação em estudar uma região específica—entre o Minho e o Vouga—não esconde a problemática central de todos os seus trabalhos: o papel das áreas regionais na consolidação do todo nacional. É, portanto, a unidade nacional, bem como o que tomou possível a viabilidade de Portugal como país independente que, no fim de contas, ocupa o centro de todas as suas preocupações históricas.

Não admira, por isso, que, em alguns dos seus estudos mais de síntese, tenha procurado encontrar explicações para a situação de Portugal no seu tempo. À semelhança de outros escritores da sua geração, também teorizou, à luz da história, sobre as causas da nossa decadência. E, ainda que possamos dizer que não caiu nos

(50) Carta datada de 12 de Setembro de 1892, *Revista de Guimarães*, n.º 3, Vol. LI, 1941, p.75.

excessos de fazer um autêntico processo público ao passado português, como o que foi feito por Antero de Quental e Oliveira Martins, por exemplo, a verdade, porém, é que acabou por sofrer influências, a este respeito, destes dois publicistas. E, deste modo, ligou o seu nome, enquanto historiador, a uma importante tradição cultural e historiográfica que, pelo menos, desde o século XVII não parou de questionar o nosso atraso económico, no contexto dos países europeus mais desenvolvidos. Questão, aliás, ainda hoje polémica e tida como central na nossa historiografia ⁽⁵¹⁾.

Como não podia deixar de ser, Alberto Sampaio participou no debate e foi influenciado pelas concepções decadentistas reinantes na denominada geração de 70, bem como pela outra face da mesma moeda que, como é sabido, passava pela necessidade de uma regeneração. Teve, contudo, em relação a esta problemática—digamos que central entre as elites progressistas —, uma concepção menos pessimista. Defendia, sobretudo, que se criasse, através da elevação cultural da população, uma forte corrente de opinião capaz de raciocinar sobre os acontecimentos e que, acima de tudo, fosse capaz de "discernir o bem do mal" ⁽⁵²⁾. E, deste modo, seria, então, possível o necessário "acordo recíproco entre governo e governados, de modo que os dois se possam dar as mãos para o conseguimento do mesmo fim" ⁽⁵³⁾. Caso contrário, Portugal, em

⁽⁵¹⁾ Segundo Pedro Lains, sobre a explicação do persistente atraso do país em relação à Europa industrializada, podemos encontrar na nossa historiografia dois extremos opostos: um, mesmo que simplificando os contributos, é hoje representado por M. Halpem Pereira, que atribui o atraso a opções políticas erradas, partindo assim implicitamente do princípio de que poderia ter sido ultrapassado; no lado oposto, Jaime Reis, que defende a ideia segundo a qual não teria havido grande margem para políticas alternativas e que o crescimento económico português se situou a um nível próximo do seu potencial máximo. (Cf. Pedro Lains, *Economia portuguesa no século XIX—Crescimento económico e comércio externo, 1851-1913*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995).

⁽⁵²⁾ *Estudos* Vol. I, p.441.

⁽⁵³⁾ *Idem, ibidem*.

vez de uma nação, não passaria de "um phantasma que fazia rir os diplomatas e os viajantes estrangeiros" (54).

Esta tese, que liga a educação a uma opinião pública mais consciente, inscreve-se numa linha do nosso pensamento histórico e cultural que, como sabemos, ainda hoje encontra defensores (55). Trata-se, sem dúvida, de uma corrente que tem sobrevivido às mudanças políticas conjunturais e que partilha a tese—com repercussões na historiografia que procura explicações para o nosso atraso económico — segundo a qual um dos principais entraves ao nosso desenvolvimento tem passado pela pouca atenção dada à educação. Tese que, no fundo, partilha o sentimento de que as causas do nosso atraso económico não passam pelas nossas limitações e insuficiências, enquanto país—posição geográfica, recursos naturais, mercado insuficiente, etc. —, mas por nós mesmos e, sobretudo, pelas escolhas políticas entretanto seguidas.

É verdade que Alberto Sampaio não procurou culpados isolados, como salientou Jorge Borges de Macedo, para a explicação da nossa decadência, contudo não deixou de culpar a sociedade em geral (56). Perspectiva que, como sabemos, encontrou seguidores na nossa historiografia, ainda que completamente divergentes, como não podia deixar de ser, das suas visões antropológicas e étnicas.

Alberto Sampaio sofreu influências de Alexandre Herculano, apesar das diferenças de perspectiva, sobre a explicação histórica da nossa decadência. Até a periodização que dela faz, o confirma: tudo se alterou, para pior, com D. João II. A este propósito e refe-

(54) *Idem, ibidem.*

(55) A este propósito, ver António Rafael Amaro, *A Seara Nova nos anos vinte e trinta — Memória, Cultura e Poder*, Viseu, U. C. P., 1995.

(56) Segundo Jorge Borges de Macedo, Alberto Sampaio não pretendeu fazer a exautoração de quaisquer "responsáveis", adiantando mesmo que se "as discussões do seu tempo se tivessem mantido nesse nível, os estudos que ele próprio empreendeu para a região Noroeste de Portugal, teriam sido acompanhados por pesquisas sérias, concretas, objectivas quanto às condições do desenvolvimento do país" {*art. cit.*, p.432}.

rindo-se a este monarca, observou: "O príncipe chamado perfeito, destruindo a independência medieval, as liberdades e organização municipaes não soube dar às diversas raças uma verdadeira cohesão nacional; em vez d'uma nação fundou antes uma casa de negocio, cuja prosperidade dependeria tanto de condições fortuitas, como da habilidade do patrão" (57).

Há nesta citação, sem dúvida, uma clara concordância com Herculano, sobretudo no corte feito com o passado medieval e mesmo com a idealização do que seria este período histórico, em termos de liberdade e independência (58). Não obstante, é possível detectar na mesma passagem duas diferenças importantes, em relação às teses decadentistas de Herculano, que, em rigor, aproximam o pensamento de Alberto Sampaio das ideias martinianas inscritas na *História da Civilização Ibérica*. Referimo-nos, claro está, à importância que as diferenças étnicas assumem na explicação da decadência (59). Outra ideia, ainda que na passagem transcrita não apareça muito explícita, prende-se com a concepção, muito cara a Alberto Sampaio, de que a nação é semelhante a um organismo vivo, com as virtualidades próprias dos indivíduos, onde, por isso,

C) *Estudos...*, Vol. I, p. 404.

(58) É sabido como Alexandre Herculano dividiu a história de Portugal segundo dois importantes ciclos: "o primeiro durante a Idade Média, fôra o da constituição e virilidade da Nação; o segundo, a partir do Renascimento (reinado de D. João II e, mais expressamente, cortes de Évora de 1482), o da segunda rápida decadência. Essa decadência profunda, tanto moral como material, teria sido fruto directo de um evento de ordem política, o do estabelecimento da monarquia absoluta sobre as ruínas da monarquia liberal da Idade Média" ("Decadência", *Dicionário de História de Portugal*, Dir. Joel Serrão, vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, p. 272).

(59) Ver, a este propósito, Oliveira Martins, *História da Civilização Ibérica*, 2.ª Ed., Lisboa, Bertrand, 1880, em especial as páginas 174, 238, 258-259 e 264-265. Ainda sobre esta questão, cf. António José Saraiva, *A Tertúlia Ocidental—Estudos Sobre Antero de Quental*, Oliveira Martins, *Eça de Queiroz e outros*, Lisboa, Gradiva, 1990, sobretudo as páginas 194-195; Jorge Seabra, *Oliveira Martins—raça e filosofia da história*, Coimbra, 1992 (mimeog.).

qualquer desvio ao seu necessário desenvolvimento acaba por criar urna ruptura, ou, por outras palavras, a crise social endémica. Crise que, no entender de Alberto Sampaio, pelo menos quando é duradoura, se transforma num "vicio constitucional d'uma sociedade" (60), com as consequências conhecidas: tomar-se um "mal hereditário, transmittindo-se de geração em geração, com a crueldade que a natureza não poupa às organizações debeis" (61). Aliás —refere ainda Alberto Sampaio—, "assim como um individuo póde viver com lesões profundas, enfraquecidamente sim, mas vive— do mesmo modo a sociedade de conformação defeituosa poderá ter também uma longa existência, se causas extemas lhe não determinam o desaparecimento que nos subministra a história portugueza" (62).

Portugal chegou, portanto, doente ao século XIX. A sociedade portuguesa, impossibilitada, pelo aventureirismo das conquistas (não tanto dos descobrimentos), de continuar o seu natural desenvolvimento, acabou por não atingir a sua maturidade — fase importante de harmonia entre as diferentes partes constitutivas da nação, pois dela emana o pensamento unificador (Oliveira Martins chamou-lhe "espécie de princípio vital social" (63)) —, condição essencial para a definição de um povo e da sua missão histórica como ser colectivo que é.

Alberto Sampaio estava, assim, convicto de que a nação portuguesa nunca chegou a ser, verdadeiramente, "um organismo colectivo, vivendo do seu trabalho, com ideal político comum, capaz de raciocinar e exprimir uma vontade geral" (M). O percurso normal da nossa sociedade, em direcção à maturidade, acabou por ser interrompido. Desiderato que estava a ser seguido, paulati-

⁶⁰) *Estudos...*, Vol. I, p. 429.

⁶¹) *Idem, ibidem*.

⁶²) *Idem, ibidem*.

⁶³) Cf. António José Saraiva, *ob. cit.*, p. 195.

Estudos..., Vol. I, p. 445.

namente, nos primeiros séculos da nossa nacionalidade, pela "proficua e sensata administração affonsina" (65). A interrupção abrupta a que foi sujeita a formação social portuguesa tomou impossível, a seu ver, que a um Estado desse lugar uma verdadeira nação. Nesta perspectiva, para Alberto Sampaio era óbvio que não bastava delimitar as fronteiras e ter um Governo para que Portugal se erguesse como nação, nem, muito menos, que isto fosse garantia de uma verdadeira independência económica. Ora, este objectivo só não foi conseguido porque os portugueses tiveram que interromper o povoamento que vinha sendo feito, no sentido Norte-Sul, privilegiando as conquistas—o povoamento teria sido nuclear, na concepção de Alberto Sampaio, não só em termos económicos, mas também pelo que isso representaria para a absorção dos "elementos ethnicos extra-europeus" predominantes no Sul—; daqui "resultou permanecerem em paiz tão restrito enormes manchas incultas e duas raças antipathicas, que se não amam, nem se entendem — dois povos juxtapostos, cada qual com a sua indole e a sua particular compreensão da vida" (66).

Assim sendo, podem resumir-se as teses de Alberto Sampaio, sobre a nossa decadência, a dois pontos principais:

1 O desvio histórico trazido pelas conquistas teve consequências negativas para a sociedade portuguesa. Dado que um povo que "gastou perto de tres séculos a constituir-se em nação à força da vontade e energia dos seus habitantes, independentemente de quaesquer condições geographicas e etimológicas", viu-se, depois de D. João II, transformado num bando de aventureiros (67).

2 ° Sociedade inorgânica, sem um ideal político comum, incapaz de reflectir uma vontade geral, rejeitou sempre os que, de

(65) *Idem, ibidem*, p. 430.

(66) *Idem, ibidem*, p. 431.

(67) *Estudos...*, Vol. II, p. 10.

alguma forma, quiseram remar contra a maré: são exemplos disto mesmo, os casos de D. Pedro, senhor de grande inteligência, de Castello-Melhor, que "não lugrou contudo sustentar-se no poder, nem realizar os planos que lhe suggeriram a sua vasta intelligencia e actividade", e de Pombal que, no entender de Alberto Sampaio, "foi tão somente uma individualidade superior, como já tinha sido Castello-Melhor". A política de Pombal, no entanto, "desappareceu sem se enraizar, como já antes succumbira a do sabio e sensato estadista, o infante D. Pedro" (68).

Quem tem dúvidas de que a leitura positiva destas personagens históricas atravessou e dividiu o nosso pensamento histórico? Todas elas, se bem aprecio, têm em comum a marca de uma certa independência económica, em relação ao estrangeiro, assente num modelo proteccionista do nosso desenvolvimento, claramente favorável a uma política de fixação, para usarmos a terminologia sergiana. Aliás, António Sérgio, ainda que nunca o tivesse referido, pode dizer-se que encontrou na leitura da nossa história feita por Alberto Sampaio, todos os elementos com que fundamentou a conhecida política de fixação e transporte. Leitura que, como é sabido, acabou por marcar, ainda que com outro rigor empírico e teórico, muitas das explicações que a nossa historiografia procurou dar do nosso desenvolvimento.

Por outro lado, a leitura antropológica que Alberto Sampaio faz da nossa decadência, ainda que sempre em ligação com as inevitáveis consequências económicas e políticas, não permite, a meu ver, leituras parciais e apressadas desta perspectiva. Ao historiador minhoto nunca interessou, emrigror, procurar qualquer superioridade rácica, mas muito mais aquilo que, hoje, chamaríamos de cultura diferente, entendendo por isto hábitos, costumes, filosofia de vida,

(68) *Estudos...*, Vol. I, p. 439-440.

etc.. Aliás, mais não fez do que chamar a atenção — ainda que, por vezes, comum inadequado exagero regionalista—para as diferenças culturais e históricas que, na verdade, existem entre as populações do Norte e do Sul. Para tanto, basta ver o que a este propósito diz José Mattoso, na sua excelente obra *Identificação de um País* — onde, por mais de uma vez, se faz o elogio do historiador minhoto —, quando, a dado passo, comenta as diferenças ainda hoje existentes no nosso país, em termos de comportamento ideológico e político, o que leva muitas vezes os vários responsáveis partidários a comentar, de forma favorável ou desfavorável, um determinado resultado, dependendo se foi obtido a Norte ou no Sul ⁽⁶⁹⁾.

Alberto Sampaio não abraçou a concepção, essa sim, com desenvolvimentos menos acertados e até perigosos pelas suas consequências sociais e políticas (aliás, infelizmente conhecidas de todos nós), que pretendia a tudo responder através da perspectiva etnológica ou rácica. Os conhecimentos históricos que possuía levaram-no a relativizar este pendor etnológico, negando, por isso, por exemplo, que a tendência que os portugueses tinham para abandonar o país advinha da nossa ligação histórica ao "nomadismo árabe". "A tendência aventureira do português — respondeu a Rocha Peixoto — não provém do *nomadismo árabe*; a mais emigrante das populações que habitam Portugal é a do Norte: e aqui nunca encontrei vestígios sensíveis de sangue agareno (...). Ora emigrando tanto uns como outros, tanto os arabizados do Sul, como os sem arabismo do Norte, a causa da emigração deve procurar-se antes nas condições sociais, mais do que no génio da raça". E, mais adiante, termina com esta sagaz observação: "Queira observar que a emigração é comum hoje a todos os povos europeus, e os mais

⁽⁶⁹⁾ José Mattoso, *Identificação de um país - ensaio sobre as origens de Portugal, 1096-1325*, vol. I, Lisboa, Editorial Estampa, 1988, p. 27.

emigrantes são germânicos" (70).

Saliente-se, mais uma vez, a esclarecida e conhecedora visão que Alberto Sampaio tinha dos problemas hodiernos, bem patente na explicação, que poderemos considerar actual, da emigração. Recusando, assim, ver no fenómeno emigratorio, como que uma consequência de misturas étnicas que, a ser aceite, acabava por conduzir a explicações superficiais do fenómeno, para não dizer que, indirectamente, culpabilizaria uma parte da população portuguesa (mais a Sul) pelo, então, denominado espírito aventureirista dos portugueses.

Alberto Sampaio, como já referimos, não procurou culpados isolados para a nossa decadência; mesmo quando aponta o início do reinado de D. João II não é para o culpar individualmente, a sociedade como um todo, pelo que não fez e pelo que de negativo deixou fazer, é que, no fim de contas, se senta no banco dos réus. Não deixando, mesmo neste ponto, de sofrer a influência cultural e ideológica da sua geração, a célebre geração de 70.

1.2. As repercussões da obra de Alberto Sampaio na historiografia portuguesa

A inexistência, entre nós, de estudos de conjunto sobre a nossa historiografia que, ao mesmo tempo, revelassem o particular percurso de cada historiador e perspectivassem uma visão integradora e explicativa do pensamento histórico português, toma, à partida, mais difícil qualquer tentativa de encontrar as condições de recepção de uma obra, bem como da influência que ela exerceu. Ainda assim, mesmo correndo o risco de muito ficar por referir,

(70) Carta a Rocha Peixoto, em 22 de Janeiro de 1897, *Revista de Guimarães*, n.º 4, Vol. LI, 1941, p. 277-278.

penso ser pertinente reflectir aqui numa questão, a meu ver importante: a leitura da obra de Alberto Sampaio revela-nos, como ainda há pouco tempo escreveu Jorge Borges de Macedo, que a historiografia portuguesa estava em condições de acompanhar e de perceber as principais propostas que, nas primeiras décadas deste século, renovaram a forma de fazer história, nomeadamente as que permanecem ligadas à primeira fase dos *Annales* (71). Para tanto, basta considerar que em Alberto Sampaio se encontram já bem expressas as preocupações de interdisciplinaridade, apoiadas numa concepção de documento bastante alargada, bem como uma perspectiva de tempo longo, de história imóvel, só alguns anos mais tarde sistematizada e conceptualizada por Fernand Braudel, para além de se lhe reconhecer ainda o mérito de ter sido o primeiro grande cultor da história económica, ou mesmo, nas palavras de Oliveira Marques, o criador da história económica portuguesa (72). Assim sendo, surge naturalmente a seguinte pergunta: o que de facto aconteceu para que a nossa historiografia não acompanhasse todo este pioneirismo epistemológico e metodológico revelado pela obra de Alberto Sampaio e, sobretudo, o que teria impedido que esta não tivesse tido repercussões mais notórias e abrangentes nos historiadores do período entre as duas grandes guerras? Esta pergunta, como é evidente, até pelas razões acima expostas, não encontra resposta fácil. No entanto, uma boa parte dela não deixará de estar ligada aos condicionalismos políticos e ideológicos deste período. De resto, é sabido que, tanto em termos qualitativos, como quantitativos, Portugal só depois dos anos 60, para não dizer

(71) Cf. Jorge Borges de Macedo, *art. cit.*, p. 439-431.

(72) A. H. de Oliveira Marques, *Antologia da Historiografia Portuguesa*, Vol. II, Lisboa, 1975, p.45. Para além deste historiador, mais recentemente José M. Amado Mendes mostrou corroborar esta opinião. A este respeito, ver "Alberto Sampaio e a História Económica", *Actas do Congresso Histórico 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 1995, p. 365-379.

mesmo mais tarde, é que voltou a poder contar com uma plêiade de cientistas sociais que, de alguma forma, se equiparam à brilhante geração que produziu entre 1870 e 1930: recordem-se, para além do historiador que aqui nos ocupa, nomes como Oliveira Martins, Gama Barros, Costa Lobo, Leite de Vasconcelos, Ezequiel de Campos, Ricardo Jorge, Bento Carqueja, Lúcio de Azevedo, António Sérgio, etc.. Infere-se daqui, portanto, que a recepção e influência de Alberto Sampaio não deverão ser desligadas do ambiente político, muito embora por motivos diferentes, que se viveu em Portugal, quer nos últimos anos da I República, quer, sobretudo, durante o Estado Novo. Nos últimos anos da I República, a profunda crispação ideológica e política não tomavam, a meu ver, possível que se continuasse, sem as inevitáveis paixões de momento, uma tradição historiográfica que, apesar de tudo, assentava em problemáticas, conjunturalmente, menos comprometidas e metodologicamente rigorosas. Mas, foi muito especialmente o período que se seguiu ao 28 de Maio de 1926 e, sobretudo, a partir da implantação e afirmação do Estado Novo que, no meu entender, se tomou mais difícil a recepção das propostas essenciais de alguns dos historiadores da geração de Alberto Sampaio. Como refere, a propósito, Miriam Halpem Pereira, o "Estado Novo provocou uma profunda asfixia da investigação científica no domínio da história" (73). E este facto, só por si — sobretudo se tivermos em conta a forma como o Estado Novo tratou as ciências sociais em geral —, ajuda a explicar como se tomou difícil à nossa historiografia acompanhar, como aconteceu, aliás, ao tempo de Alberto Sampaio, sobretudo se tivermos em conta os autores citados nos seus trabalhos (74), as sucessivas transformações metodológicas que, como se

(73) Miriam Halpem Pereira, "Breve reflexão acerca da historiografia portuguesa no século XX", *Ler História*, 21, 1991, p. 6.

(74) Alberto Sampaio conhecia e estava a par do que lá fora se escrevia, nos seus

sabe, acabaram por romper com uma certa tradição literária, factual e positivista da história. Afastada, portanto, a nossa historiografia dos principais debates que lá fora se iam fazendo, acabou por cair, à semelhança do que se passava a nível político e económico, num profundo isolacionismo e aproveitar apenas da nossa rica tradição historiográfica oitocentista o que mais lhe servia para a legitimação da cultura nacionalista e autoritária vigente.

Não admira, assim, como a propósito se lamentou Albert Silbert, que os contributos historiográficos de Alberto Sampaio fossem quase sempre ignorados, nomeadamente por "historiadores, que têm tendência a ver na obra erudita de Gama Barros, ou na de Costa Lobo, o que de válido escreveu a escola portuguesa do virar do século" (75). Não adianta, pois, apenas dizer que a obra de Alberto Sampaio tardou a ser reconhecida por ser "excepcionalmente precoce para a sua época", colocando, de facto, problemas que só tiveram plena aceitação — e, mesmo aí, apenas em alguns casos muito específicos e renovadores — depois da segunda guerra Mundial" (76). É necessário acrescentar que isto só aconteceu porque as ciências sociais, em Portugal, durante grande parte do tempo em que vigorou o Estado Novo, viveram num completo isolamento metodológico, acompanhado por um profundo afinilamento temático. Ainda assim, nas décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial e apesar de se continuarem a manter alguns dos condicionalismos ideológicos e políticos dos anos trinta, alguns historiadores, como Vitorino Magalhães Godinho, Virgínia Rau,

trabalhos cita desde autores alemães como Léopold Ranke, Theodor Mommsen e Barthold Georg Niebuhr, ingleses como Jonh Richard Green e sobretudo franceses como Henry d'Arbois Jubainville, Emile Coomaert, para além, claro, de Fustel de Coulanges, Michelet, etc.

(75) Albert Silbert, *Do Portugal do Antigo Regime ao Portugal Oitocentista*, Lisboa, Horizonte Universitário, 1977, p.264.

(76) Cf. José Mattoso, *art. cit.*, p. 147.

Jorge Borges de Macedo, Oliveira Marques, entre outros, acabaram por encontrar nos estudos de Alberto Sampaio fortes estímulos para a dinamização, que entretanto levavam a cabo, da história económica (77).

Foi, aliás, esta geração—Oliveira Marques chamou-lhe a geração de 1939-45 — que melhor percebeu o alcance metodológico e epistemológico que a obra de Alberto Sampaio comportava (78). Até então, apesar das citações de pormenor, poucos foram os que aproveitaram os seus contributos "no plano da história rural e no âmbito das estruturas económicas e sociais" (79). No entanto, como é sabido, esta geração de historiadores—para além dos já referidos, podemos ainda citar os nomes de Armando de Castro, Joel Serrão, Piteira Santos, António José Saraiva, Barradas de Carvalho, etc. —, com percursos e influências metodológicas e ideológicas muito diversas, que passavam pelo marxismo e pelos *Annales*, estavam longe de representar, ao tempo, a concepção historiográfica dominante (80). Aliás, como também a propósito referiu Miriam Halpem Pereira, o que aproximava os historiadores referidos era precisamente "a crítica à historiografia tradicional, positivista, caracterizada por uma erudição desenquadrada numa reflexão global, a abertura à interdisciplinaridade e a ênfase prioritária aos

(77) Neste sentido, ver Luís de Oliveira Ramos, "Perspectivas sobre Alberto Sampaio", *Actas do Congresso Histórico 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 1995, p. 303.

(78) Jorge Borges de Macedo considerou recentemente que Alberto Sampaio (a par de Marc Bloch) foi dos historiadores que mais influência teve na sua formação {*art. cit.*, p. 441}.

(79) José Mattoso, *art. cit.*, p. 147.

(80) Nos inícios da década de 50, alguns elementos desta geração (Piteira Santos, Joel Serrão, V. Magalhães Godinho, J. Borges de Macedo, Rui Grácio, António de Sousa, Barradas de Carvalho) viriam mesmo a fundar a então denominada *Sociedade Marc Bloch*, que acabou por ter uma curta duração de dois anos (Cf. Miriam Halpem Pereira, *art. cit.*, p. 10).

vectores económicos e sociais, em detrimento do político, até então espartilhado entre o acontecimento e a ideia" (81).

Não queremos com isto dizer que, fora deste grupo restrito e mesmo antes deles, Alberto Sampaio não fosse lido e até apreciado, enquanto historiador. Muitos tiveram mesmo em conta, ainda que pouco receptivos aos sinais inovadores da sua metodologia, muitas das conclusões dos seus trabalhos. Parece inegável, no entanto, o facto de poucos exemplos encontrarmos na nossa historiografia, antes dos anos sessenta, que nos levem a acreditar que nas Universidades se tinha em conta o essencial da sua obra. É o essencial, a meu ver, não passava pelo adoptar de muitas das conclusões inscritas nos seus trabalhos—a historiografia actual, aliás, e muito naturalmente, provou muitos dos erros e equívocos de Alberto Sampaio —, mas sobretudo pelo acompanhar das pistas metodológicas, epistemológicas e temáticas abertas pelo historiador minhoto. Sobretudo, a sua "maneira de fazer história—como referiu Orlando Ribeiro, admirador confesso da sua obra — ao invés da cronologia, ascendendo da Alta Idade Média até à civilização castreja, estabelecendo confrontos com a rotineira labuta do minhoto" (82). Concepção de história que, manifestamente, não era muito do agrado dos investigadores de então, particularmente os nossos, que se sentiam invariavelmente perdidos se lhes faltava o apoio dos documentos escritos (83).

Ainda a propósito do pioneirismo metodológico de Alberto Sampaio, Jorge Borges de Macedo lembrou que, em relação à questão do ermamento— é sabido como Alberto Sampaio discordou de Herculano neste ponto —, o historiador minhoto enfrentou esta

(81) *Idem, ibidem.*

(82) Orlando Ribeiro, *A formação de Portugal*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, s.d., p. 95, nota.

(83) É esta a opinião de Orlando Ribeiro e que no seu entender explica na prática a pouca aceitação da obra de Alberto Sampaio. Cf. *Idem, ibidem.*

polémica, não tanto com novos documentos, mas pelo rigor posto na análise textual, método que, a seu ver, era não só novo, como foi a primeira vez que numa questão tão importante "se invocaram estruturas de mentalidade, para apreender o conteúdo efectivo do documento, para além do expresso sentido dos seus termos" (84).

É evidente, portanto, que a concepção historiográfica dominante em Portugal, durante grande parte deste século, por se mostrar demasiado presa ao documento e avessa à problematização, tardou a reconhecer o que de mais positivo havia na obra legada por Alberto Sampaio. Foi necessário esperar pela renovação da nossa historiografia, em geral, e, muito em particular, da historia económica, para que a obra do historiador das *Vilas do Norte de Portugal* tivesse o reconhecimento que a sua obra merece.

Aliás, não faltam exemplos de como não era particularmente correcta a recepção que estava a ser feita à obra de Alberto Sampaio, mesmo por parte daqueles que o estudavam e criticavam. O mais significativo, até pelo facto de conhecer bem a obra de Alberto Sampaio, vem-nos de Feliciano Ramos — estudioso que, apesar de tudo, fez sobre a obra de Alberto Sampaio alguns comentários pertinentes e elogiosos (85)— que, a determinada altura, lamenta que Alberto Sampaio tenha cometido o erro de ficar "encerrado no seu materialismo histórico" (86). Concepção que, na opinião do mesmo autor, o impeliu a ter uma "discutível interpretação do magno

(84) Jorge Borges de Macedo, *art. cit.*, p. 431.

(85) Como, por exemplo, o de considerar que em Alberto Sampaio "o rigor científico absorvia-o com inalterável constância e, para apurar a verdade, entregava-se aos mais árduos trabalhos de investigação, pondo simultaneamente à prova a sua disciplina crítica" (Feliciano Ramos, "Alberto Sampaio e a subjectividade das suas interpretações históricas", *Biblos*, Vol. XXI, t. II, 1945, p. 396).

(86) *Idem, ibidem*, p. 410. Esta opinião de Feliciano Ramos, em relação à obra de Alberto Sampaio, foi considerada descabida de qualquer sentido e de falta de rigor por vários autores. Ver, neste sentido, José M. Amado Mendes, *art. cit.*, p. 379; João

esforço da epopeia dos Descobrimentos" (87). Sobretudo, pelo facto de ousar defender, num dos seus trabalhos mais de síntese — Feliciano Ramos escrevia em 1945, num contexto ideológico de profunda exaltação da gesta dos descobrimentos—, que as "empresas marítimas não partiram de um movimento espontâneo da população de Portugal, e não foram criação do bom povo português" (88). Perspectiva histórica que, no entender de Feliciano Ramos, não passa de ser "gratuita, impatriótica e desprovida de base científica" (89). Não admira, assim, que este autor acabe por considerar Alberto Sampaio como um dos responsáveis pelo cultivo do materialismo histórico que, a partir da década de quarenta, passou a influenciar alguns historiadores ligados à Universidade e com responsabilidades de docência (90).

Que melhor exemplo para se perceber como o contexto político e cultural acabava por ser impeditivo de uma recepção e compreensão mais profundas dos alicerces historiográficos abertos por Alberto Sampaio?

CONCLUSÃO

Alberto Sampaio não produziu uma obra extensa. Contudo, pode dizer-se que o historiador minhoto procurou e conseguiu acompanhar a renovação historiográfica do seu tempo. Algumas

Francisco Marques, "Alberto Sampaio - Teoria e prática de um historiador", *Actas do Congresso Histórico 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 1995, p. 323.

(87) *Idem, ibidem.*

(88) *Idem, ibidem.*

(89) *Idem, ibidem.*

O Feliciano Ramos, "Alberto Sampaio e as raízes Agro-Marítimas de Portugal, *Estudos de História Literária do Século XX*, Lisboa, Edição de Álvaro Pinto (Ocidente), 1958, p. 56 e 61, *apud* João Francisco Marques, *art. cit.* [nota de rodapé (10)], p. 311 e 323.

das principais obras de autores ingleses, alemães e franceses faziam parte da sua biblioteca pessoal, sendo muitos deles citados, com propósito, nos seus trabalhos. Entre os historiadores portugueses, Alexandre Herculano foi o grande modelo a seguir, sobretudo no que conceme ao rigor historiográfico. No entanto, Alberto Sampaio não podia deixar de ser influenciado pelo grande publicista e amigo que foi Oliveira Martins, partilhando com este o gosto pelas questões sócio-económicas, bem como a necessidade de abrir a história ao conjunto das outras ciências.

Pode, por isso, dizer-se que, pela primeira vez, entre nós, se procurou dar relevo aos factos de natureza sócio-económica, não numa base especulativa, mas inscritos numa trama metodológica de grande rigor historiográfico. Pode, assim, também, afirmar-se que, tanto a nível temático como metodológico, a nossa historiografia de fim de século estava em perfeitas condições de poder acompanhar a renovação da história trazida pela denominada "Escola dos Annales", a partir de 1929. Tal só não aconteceu porque as condições políticas, ideológicas e culturais do período entre as duas guerras e, sobretudo, durante o Estado Novo, acabaram por encaminhar as ciências sociais, em geral, e a história, em particular, para problemas e métodos completamente distintos dos que, algumas décadas antes, haviam sido propostos por Alberto Sampaio.

Ainda que melhor conhecido como investigador de história regional, Alberto Sampaio, pode dizer-se, viu sempre na história nacional o seu principal objecto de análise. Preocupava-o, sobretudo, a análise dos elementos integradores da nação, bem como os condicionalismos que tomaram viável este espaço diferente e complementar, que é, afinal, Portugal. E, neste sentido, Alberto Sampaio inscreve-se numa linha de pensadores que, imunes às conjunturas políticas, acabaram por fixar o nosso pensamento histórico num sentido estruturante, com tendência para terem como problemática principal a permanente indagação sobre o

nosso percurso histórico, ainda que, quase sempre, atormentados pela obsessiva comparação com outros povos. Resultam daqui, normalmente, as igualmente obsessivas ligações dos conceitos decadência-regeneração (duas faces inseparáveis de uma mesma moeda), com que pretendem fazer uma leitura cíclica da nossa história. Alberto Sampaio não herdou de Alexandre Herculano apenas o gosto pelo rigor histórico, também procurou nele, ampliando-as com algumas das conclusões da sua geração, as causas da nossa decadência.

Como não podia deixar de ser, a obra de Alberto Sampaio, apesar dos seus aspectos pioneiros, é filha do seu tempo. Não foi, naturalmente, imune ao erro. As suas ideias e as suas conclusões históricas deverão ser entendidas no quadro dos circunstancialismos da sua produção. Ainda assim, uma grande e perene lição a sua obra nos reserva: todas as conclusões a que chegou foram sempre enunciadas como só os que são verdadeiramente sábios podem fazer — com indisfarçável modéstia. Pode não se estar de acordo com os resultados, mas jamais se esquecerá, quem se retiver na sua obra, da sua constante lição de probidade. Ainda que só por isto, vale sempre a pena reler aquilo que este historiador nos legou.